



## **A história do jovem rico: a vocação que não obteve sucesso**

*The story of the rich young man: the vocation which was not successful*

**Vicente Artuso**

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), professor do programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: vicenteartuso@gmail.com

### **Resumo**

Este artigo apresenta uma análise da história do jovem rico, conforme Mt 19,16-22, como uma vocação que não obteve sucesso. O motivo do fracasso não foi a falta de observância de algum mandamento não relacionado no texto, mas a falta de espírito evangélico, que é a vivência do amor pleno, síntese da lei. As propriedades ocuparam o coração do jovem rico, como um bem maior, e, onde está o tesouro, ali também está o coração. Assim, não ouve espaço para Deus sumo bem e ele se afastou entristecido. O artigo destaca as exigências do discipulado, em paralelo com a exigência da salvação. Caminhar para a perfeição é ser discípulo. Para o seguimento de Jesus, há situações que pedem renúncias difíceis para aceitar o chamado de Deus para obter a vida eterna. Conclui-se que todos os cristãos são chamados a viver o Evangelho na totalidade, porém mediante meios diferentes, segundo as disposições do coração.

**Palavras-chave:** Relação. Amor. Vocação. Pobreza.

**Abstract**

*This article presents an analysis of the story of the Rich Young Man according Mt 19,16-22 as a vocation, which was not successful. The motive for the failure was not because of lack of observance of some commandment not related in the text, but the lack of the evangelical spirit, which is the living of love in fullness, the synthesis of the Law. His properties occupied the heart of the rich young man, as the greatest good. And where one's treasure is, there also is one's heart. This being so, there was no space for God as supreme good, and he went away saddened. The article stresses the demands of discipleship in parallel with the demand of salvation. To journey towards perfection is to be a disciple. In order do follow Jesus there are situations, which require a difficult renunciation, so as to accept the call of God to obtain eternal life. The conclusion is that all Christians are called to live the Gospel in its totality, using however different means according to the disposition of the heart.*

**Keywords:** Relation. Love. Vocation. Poverty.

---

**Introdução**

Conforme os primeiros relatos de vocação nos sinóticos (Mc 1,16-20; Mt 4,18-22), a resposta ao chamado de Jesus é pronta: “Imediatamente, deixando as redes eles o seguiram” (Mc 1,18). O início do seguimento é marcado pelo entusiasmo e sucesso. Todos procuram Jesus (Mc 1,37) e os discípulos o acompanham por toda parte. Na raiz desse entusiasmo, está o carisma de Jesus que chama, a boa-nova do Reino que atrai, o êxito da missão que lhe confere autoridade e a admiração de muitos. No entanto, aos poucos na vida dos discípulos aparecem dúvidas, crises. Os seguidores de Jesus não percebem o alcance que o contato com Ele implica (CNBB, 1997).

A vocação é um dom e a boa vontade inicial, sem ajuda divina, não é suficiente para perseverar. Disse Jesus: “Ninguém pode vir a mim, se isso não lhe for concedido por meu Pai” (Jo 6,65). Por falta de compreensão do significado do seguimento, “muitos discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele” (Jo 6,66). Há exemplos de sucesso, resposta generosa, exemplos de

discípulos que abandonaram o seguimento e relatos de “não vocação”, recusa de uma resposta positiva. Silva (2007) menciona a história do jovem rico e mais dois exemplos de narrativa, classificados como gênero de não vocação, isto é, falta de resposta e desistência do discipulado: Mt 8,18-22 e Lc 9,57-62.

O propósito deste estudo é analisar a história do jovem rico em Mt 19,16-22 (paralelos em Mc 10,17-22 e Lc 18,18-23), que é um relato de vocação que não recebeu resposta. Trata-se de uma análise que realça, de um lado, a proposta de Jesus, as condições para o seguimento, e, de outro, a não resposta do jovem rico. Mesmo que a história da vocação não tenha se realizado positivamente, a própria estrutura do texto, sua articulação centrada no diálogo, revela elementos essenciais para a teologia da vocação e do discipulado, bem como destaca a reação negativa diante da proposta e o conseqüente afastamento de Jesus.

Quais seriam os reais motivos da não aceitação do projeto de Jesus? As condições para o seguimento colocadas para o jovem rico valem para todos os discípulos? Que relação existe entre perfeição e observância dos mandamentos? A reflexão vai abordar, também, a relação entre ser discípulo e ser perfeito na plena observância dos mandamentos. No contexto do seguimento, as exigências são apresentadas conforme a situação das pessoas. O caso do jovem rico é exemplo de quem não assimilou o espírito da lei, que se resume no amor, na caridade perfeita.

## Tradução<sup>1</sup>

v. 16 E eis que alguém tendo se aproximado dele disse: *Mestre?*<sup>2</sup>  
Que farei de bom para obter a vida eterna?

<sup>1</sup> Tradução do texto grego, segundo a 27ª edição de Nestle-Aland (1996).

<sup>2</sup> Copistas provavelmente acrescentaram a palavra *agathe* (bom) depois de *didaskalos* (mestre), que se encontra nos paralelos de Mc 10,17 e Lc 18,18. O texto de Mateus, embora apresente certo grau de dúvida, é documentado em códices melhores e mais antigos; por exemplo: Sinaítico, Vaticano (século IV), Bezae (séculos V e VI), Paris: Regius (século VIII). Assim, pode ser omitido o “bom”. Contudo, o apelativo “Bom Mestre” nos paralelos de Marcos e Lucas se encaixa em vista do diálogo afirmando que Deus somente é bom.

v. 17 Ele, porém, disse-lhe: *porque me perguntas a respeito do que é bom?*<sup>3</sup> Um é Bom. Se, porém, queres entrar para a vida, observa os mandamentos.

v. 18 Ele lhe diz: Quais? Jesus, porém, disse: Estes: não matarás, não adulterarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho,

v. 19 honra teu pai e tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo.

v. 20 Diz a ele o jovem: Todas estas coisas guardei. Que ainda falta?

v. 21 Diz a ele Jesus: Se queres ser perfeito vai vende o que te pertence e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus, e depois segue-me.

v. 22 Ouvindo, porém, o jovem a *palavra*<sup>4</sup> partiu entristecido. Era de fato possuidor de muitas *propriedades*<sup>5</sup>.

## Contexto literário e delimitação

Tanto o relato de Mateus (Mt 19,16-22) quanto o de Marcos (Mc 10,17-22) se situam no contexto da instrução dos discípulos a caminho de Jerusalém. O relato de Lucas (Lc 18,18-23) está no contexto da grande

<sup>3</sup> Alguns manuscritos propõem modificação para: *“tí me legeis agathon? Oudeis agathos ei me eis o Theos”* (porque me dizes bom? Ninguém é bom senão um: Deus), entre eles: C-Efraim rescrito (século V), W. Washington: Freer Gospels (século V), a Família 13 de manuscritos, o minúsculo 33. Mas o texto se encontra em bons e antigos códices: Sinaítico, Vaticano (século IV), Paris: Regius (século VIII), Tiflis: Koridethi (século IX). Além disso, o texto de Mateus, diferentemente do de Marcos e Lucas, combina com sua teologia, ao direcionar o assunto para o “bem” que o jovem deve fazer para ser perfeito e seguir Jesus.

<sup>4</sup> Vários testemunhos preferiram explicitar melhor o texto, acrescentando o pronome demonstrativo *touton* (esta). Assim, a expressão ‘esta palavra’ ficaria mais clara. A modificação não incide no sentido do texto. *Ton Logon* se acha bem testemunhada. Alguns poucos testemunhos chegam até a omitir a inteira expressão. A versão da Conferência dos Bispos da Itália traduz: *“Udito questo, il giovane se ne andò triste”* (Ouvindo isto, o jovem se foi entristecido).

<sup>5</sup> O Códice B, Vaticano (século IV), propõe *kremata póla* (“muitos bens”). O texto de Mateus *ktemata póla* (muitas propriedades) tem sentido mais amplo de posses, que incluem bens imóveis, propriedades. Além disso, combina com o paralelo de Marcos, que é sua fonte.

viagem, que é composta por um material mais rico e diferenciado em relação a Mateus e Marcos.

Nos textos da caminhada para Jerusalém, em Mt 19,1-20,34, Jesus instrui os discípulos sobre as exigências do seguimento: retomada do princípio da igualdade entre homem e mulher no casamento (Mt 19,4-6), proibição de repudiar a mulher por qualquer motivo (Mt 19,9), acolhimento das crianças (Mt 19,14), desapego das riquezas e ausência de cobiça (Mt 19,21), instrução sobre o poder como serviço (Mt 20,26-27). Observa Luz (2003) que o encontro com personagens alheios ao seguimento de Jesus (fariseus, crianças, mãe dos filhos de Zebedeu, jovem rico) é ocasião para as instruções aos discípulos. Jesus já havia esclarecido que era necessário ir a Jerusalém, sofrer muito, ser morto e depois ressuscitar ao terceiro dia (Mt 16,21). Por três vezes, fez esse anúncio da paixão e ressurreição (Mt 16,21; Mt 17,22; Mt 20,17-19). Os anúncios são intercalados com instruções sobre a exigência do discipulado já conhecida dos leitores: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16,24).

A narrativa do jovem rico (Mt 19,16-22) se situa entre o segundo e o terceiro anúncio da paixão. O relato é delimitado pelo texto antecedente do acolhimento das crianças, em que Jesus as abençoa (Mt 19,13-15). No paralelo de Mc 10,13-16, Jesus ensina os discípulos, dizendo que é necessário receber o reino como criança. O texto que segue, após o encontro com o jovem rico, é uma instrução a respeito da dificuldade de entrar no Reino para quem é apegado a muitas propriedades (Mt 19,23-26). Portanto, nesse contexto, a ideia dominante é a importância de ser menor, ser desapegado, negar a si mesmo, ser servidor, observar os mandamentos na totalidade. Somente no acolhimento do Reino e suas exigências os seguidores de Jesus serão verdadeiros discípulos e a vocação terá êxito. Seguimento, necessidade da renúncia dos bens, solidariedade com os pobres e vivência do mandamento do amor são temas-chave da história do jovem rico. Algumas dessas exigências não foram cumpridas, o que resultou no fracasso do discipulado. A perfeição se expressa na plenitude da lei, que é a vivência plena dos mandamentos, o ideal proposto a todos os cristãos: “Sede perfeitos como vosso pai celeste é perfeito” (Mt 5,48).

Os comentários analisam Mt 19,16-30 como uma unidade incluindo a instrução sobre o perigo das riquezas e a promessa de recompensa. Tomamos Mt 19,16-22 como uma unidade narrativa compreensível com as instruções que Jesus faz no diálogo. O texto tem uma unidade como relato de não vocação, achando-se delimitado pelos verbos de movimento. Jesus havia partido após o encontro com as crianças (Mt 19,15); em outro lugar, alguém se aproxima dele (Mt 19,16), o “jovem rico”, e acontece um diálogo (Mt 19,17-21), que termina quando o jovem parte, entristecido, sem nada dizer (Mt 19,22).

### **Estrutura do relato de não vocação de Mt 19,16-22**

1. Iniciativa: alguém (jovem) se aproxima de Jesus (Mt 19,16a).
2. Pergunta: “Mestre que farei de bom para obter a vida eterna?” (Mt 19,16b).
3. Resposta de Jesus: apresenta as condições para obter a vida: “Se queres entrar para a Vida observa os mandamentos” (Mt 19,17).
4. Pergunta do jovem: “Quais?” (Mt 19,18a).
5. Resposta de Jesus: apresenta os mandamentos (Mt 19,18b-19).
6. Insistência do jovem: “Tudo isso tenho guardado. Que me falta ainda?” (Mt 19,20).
7. Resposta de Jesus: apresenta as condições para o seguimento: “Se queres ser perfeito, vai, vende o que te pertence e dá aos pobres e terás um tesouro nos céus e depois segue-me” (Mt 19,21).
8. Reação negativa do jovem: saiu sem dar uma resposta: “O Jovem ouvindo a palavra, partiu entristecido. Era de fato possuidor de muitas propriedades” (Mt 19,22).

## Análise teológica

### O que fazer de bom para ter a vida eterna

Alguém se aproxima de Jesus e lhe faz esta pergunta: “Que farei de bom para ganhar a vida eterna?”. Somente Mateus relata que esse alguém era jovem. Lucas afirma que era um chefe de posição. Provavelmente, era um dos oficiais encarregados da sinagoga local. Isso era verdade por ele ser limpo (Mt 19,20), de excelente conduta exterior, um indivíduo virtuoso. Os três evangelistas informam que esse homem era rico, possuía bens (Mt 19,22; Mc 10,22; Lc 18,22), porém o homem parecia ansioso e compreendia que ainda não havia atingido a vida eterna. Ao ir a Jesus, ele buscava a fonte certa (HENDRIKSEN, 2000). A pergunta a Jesus em Marcos e Lucas é: “Bom mestre, que devo fazer?”. Em Mateus, a pergunta do jovem é: “Que farei de bom para ter a vida eterna?” (Mt 19,16). Talvez Mateus aqui tenha evitado a resposta de Jesus referida no texto de Marcos e Lucas, na qual dá a impressão de contrapor-se a Deus, o único “Bom”. Muito provavelmente, Mateus eliminou a pergunta “Por que me chamas bom?”, pois poderia dar margem a uma interpretação errada, como se colocasse dúvida sobre a bondade de Jesus (SABOURIN, 1977). O evangelista conservou a segunda parte da resposta de Jesus, ligando-a com a primeira relativa ao bem que se deve fazer, inspirada pela pergunta inicial do jovem. A proposta que Jesus faz ao responder à primeira pergunta do jovem identifica esse “bem” com a observância da lei. Segundo Spinetoli (1978), aqui Mateus entende as relações com Deus em termos contratuais. A obra boa é um título, um “preço” para assegurar a obtenção do bem supremo.

A vida eterna é esse bem, que designa, em última análise, a perfeição e a felicidade última que o ser humano aspira. Nesse sentido, entende-se a promessa àqueles que renunciam a tudo por causa do Reino de receberem muito mais e a vida eterna (Mt 19,29). Os verbos “fazer” e “ter” (“herdar” em Marcos e Lucas) destacam que a vida futura é dom de Deus e fruto do esforço humano (GRASSO, 1999). A contrapergunta de Jesus, “Por que me perguntas sobre o que é

bom?”, indica que o jovem sabe o que precisa fazer para conseguir a vida eterna: “observar os mandamentos”. Esse ensino não parece novidade para ele, que, como judeu zeloso, poderia estar ciente da promessa no Sermão da Montanha: “Aquele que praticar e ensinar os mandamentos será grande no reino dos céus” (Mt 5,19). Este é o bem maior. Quem observar os mandamentos, mesmo os mínimos, será grande no Reino dos céus. Ser bom é, portanto, ser perfeito na observância da lei.

### **Uma vida no amor e na gratitude**

Quando o jovem respondeu a Jesus que desde a infância tinha observado os mandamentos, o paralelo de Marcos relata que “fitando-o Jesus o amou” (Mc 10,21). Depois, acrescenta: “Uma coisa te falta”. Havia problemas sérios que impediam a gratuidade, que vem do próprio Deus, que amou primeiro (1Jo 4,19). O êxodo a revela: Deus libertou o povo, elegeu, fez uma aliança de amor. A gratuidade de Deus foi revelada na história do povo no êxodo. Assim, a experiência da gratuidade de Deus move os discípulos de Jesus a viver a liberdade dos filhos de Deus, na vida da graça, além da justiça da lei (Gl 4,4-6). A propósito, Bonhöfer (apud RODRIGUES; CASAS, 1994) fala do “preço da graça” da parte humana diante do amor de Deus. O Evangelho da graça não admite degraus na perfeição. Nesse sentido, “fazer uma obra boa” (Mt 19,17) e “ser perfeito” (Mt 19,21), no fundo, correspondem a viver a nova justiça, segundo a lei interior do Espírito.

Portanto, a vida moral é guiada pelo amor, como ensinava o papa Leão Magno (apud IGREJA..., 1993, p. 21):

Para quem ama a Deus, basta-lhe agradecer aquele que ama, uma vez que não se deve procurar qualquer outra recompensa maior do que o próprio amor. A caridade de fato provém de Deus de um modo tal que o próprio Deus é a caridade.

Trata-se de fazer justiça à plenitude da lei que o jovem dizia ter guardado. No entanto, faltava-lhe algo mais: a abertura plena à graça, que

é vida no Espírito da lei. Segundo Paulo, Cristo nos libertou da lei do pecado e da morte (Rm 8,2). Por isso, a lei tinha a função pedagógica (Gl 3,24) de conduzir a vida em Cristo.

No comentário de João Paulo II à história do jovem rico, entende-se o olhar amoroso de Jesus, pois ele vê a boa vontade desse homem que busca “algo mais” (IGREJA..., 1993). No coração dele, “há um apelo ao Bem Absoluto que atrai. É o eco de uma vocação de Deus” (IGREJA..., 1993, n. 7). “Ao chamar o jovem para seguir pelo caminho da perfeição Jesus pede-lhe para ser perfeito no mandamento do amor para inserir-se no movimento da sua doação total e reviver o próprio amor do Mestre “bom” daquele que amou até o fim” (IGREJA..., 1993, n. 20). A observância dos mandamentos, embora necessária, não é tudo. Pedem-se adesão total e seguimento de Jesus. O encontro com Jesus e a adesão à sua pessoa tornam o vocacionado capaz de um ato livre para amar de todo o coração, distribuir os bens aos pobres e seguir o mestre.

Segundo Spinetoli (1978), à primeira vista parece que Jesus faz da renúncia dos bens materiais o supremo grau de perfeição, porém a perfeição que Jesus propõe não é a espoliação dos bens materiais. A renúncia proposta é um meio para fazer acontecer a perfeição, a qual consiste no amor a Deus e ao próximo de todo o coração (Mt 5,43-48; 19,18-19), conforme recordado nos mandamentos (Mt 19,18-19). Delorme (1982) destaca que, ao narrarem essa história, os cristãos descobriram que a condição de discípulo supõe que eles não sejam guiados unicamente pela lei. O homem rico cumpre a lei, mas falta-lhe seguir Jesus. Jesus o ama, o chama e estabelece uma condição prévia, que é a renúncia de si mesmo, dos bens que impediam o amor a Deus de todo o coração (Dt 6,4-7).

## **Observância dos mandamentos**

Os mandamentos enumerados, seja em Marcos, seja em Mateus, são os mandamentos com implicações sociais, relativos ao amor ao próximo. É nesse campo das relações com o próximo que o rico tem ocasião de falhar, devido à ganância de possuir. O homem afirma que tem guardado todos esses mandamentos (Mt 19,18-19; Ex 20,1-17). No espírito

do Sermão da Montanha, o amor leva à plena observância da lei, isto é, a observá-la na forma positiva:

Não matar (é preciso defender e promover a vida)

Não cometer adultério (É preciso viver uma única aliança)

Não roubar (E preciso defender o que é do direito do outro)

Não levantar falso testemunho (É proclamar a verdade e a justiça)

Honrar Pai e Mãe (Respeitar o passado e assumir o presente e cuidar da vida e dignidade do pai e da mãe) (MAZZAROLO, 2005, p. 285).

Mateus acrescenta o mandamento do amor ao próximo, que não se encontra no decálogo, mas em Lv 19,18. Também no Sermão da Montanha, o mandamento do amor conclui a série de antíteses nas quais Jesus apresenta e reinterpreta os mandamentos para propor uma justiça superior, sem a qual os discípulos não podem entrar no Reino dos céus (Mt 5,20.43). A culminância está no amor aos inimigos e na oração pelos que perseguem (Mt 5,44). Desse modo, seremos filhos do Pai celeste, que faz nascer o sol e cair a chuva, tanto para os justos quanto para os injustos (Mt 5,45). Assim sendo, a gratuidade e perfeição do Pai celeste se revelam no amor pleno tanto a Deus quanto ao próximo: “Sede Perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48). Portanto, a lei deve ser observada positivamente. Nesse sentido, Mazzarolo (2005, p. 285) comenta:

Não basta não fazer o que convencionalmente é errado, e inicia com o advérbio ‘Não...’. Há pessoas que não matam, mas condenam todas as situações de solidariedade, de socorro, de salvamento. Há pessoas que não traem sexualmente no casamento mas adulteram a vida em todos os seus parâmetros. Há pessoas que não roubam, mas exploram os salários, alteram preços, corrompem as leis e os legisladores.

Há aqueles que “ao mal chamam bem e o bem chamam mal” (Is 5,20). Não basta observar as leis proibitivas: eu não faço isso, não faço aquilo. A vida se faz também com o sim à justiça, à partilha, ao compromisso. Por parte do jovem rico, há uma falha na raiz do mandamento principal, que é o

amor. Não seria uma falha apenas no décimo mandamento, “não cobiçar”, porque não foi citado na resposta de Jesus em Mt 19,18-19, como interpreta Tasker (1980), mas uma falha na observância e obediência ativa ao mandamento do amor ao próximo, que provavelmente foi acrescentado por Mateus para reforçar as exigências. Tanto Mateus quanto João apresentam o amor fraterno como igual ao amor do Pai (Mt 5,48; 22,37-40; Jo 13,34-35). O amor ao próximo é a primeira expressão do amor a Deus (SPINETOLI, 1978). “O amor é a plenitude da lei” (Rm 13,10). Quem ama o próximo cumpre a lei, vence a cobiça, é capaz de ser solidário e partilhar.

### **A vocação à perfeição: “Se queres ser perfeito” (Mt 19,21)**

Em Mt 19,20-21 (paralelo em Mc 10,21), Jesus propõe a perfeição cristã, que é um novo modo de viver o amor de Deus: “Vai vende o que tens e dá aos pobres”. As posses e a cobiça tomam conta do coração e impedem o amor pleno. Assim, o que falta ao jovem para ser perfeito é amar a Deus sobre todos os bens e sobre todo outro amor. No contexto de Mt 19, Jesus aparece como o novo Moisés, promulgando a nova lei, e recorda os preceitos referidos ao próximo. Ele se explicita nas palavras “agora eu vos digo”. Este é o novo meio que conduz melhor à perfeição, que é a caridade. A renúncia das posses é um caminho, nem fácil, nem impossível, mas praticável para quem recebeu o dom do Senhor. O jovem rico, nesse caso, ainda não entrou no nível evangélico. O autor conclui que

certamente Jesus propõe estes conselhos a todos e a todos os obriga em conformidade com suas vocações diversas, de modo que uns os tomam como forma de vida e outros como disposições do coração e como exigência concreta em caso de necessidade. Ao Jovem rico foi pedido o abandono dos bens e doação aos pobres pois foi uma exigência para ganhar a vida eterna. A Zaqueu a exigência, decorreu da consciência de também doar os bens aos pobres mediante a promessa: “eis dou a metade dos meus bens aos pobres” (Lc 19,8) (FERNANDEZ, 1994, p. 264).

Portanto, os conselhos para buscar a perfeição são propostos a todo cristão na disposição do coração, em vista da salvação. No caso, as pessoas

que optam pela vida consagrada receberam de Deus o carisma vocacional de seguir Jesus de um modo especial, mediante a renúncia da posse para amar a Deus com mais liberdade. Em Paulo, aparecem os vocábulos ‘preceito’ e ‘conselho’ (1Cor 7,25), porém o sentido da diferença não está na obrigatoriedade ou não do conselho; está no carisma recebido de Deus para viver essa forma de vida (1Cor 7,17). A mensagem do Sermão da Montanha supera a diferença entre conselho e preceito ao manifestar as exigências da nova lei evangélica, que é viver a nova justiça do Reino. No caso do jovem rico, a exigência da renúncia dos bens é necessária para entrar na vida e ter um tesouro no céu.

Em Marcos, é mais fácil supor que Jesus tenha apresentado dois modos de fazer a vontade de Deus: uma obrigatória, que é a observância dos mandamentos, e a outra que responde ao convite especial de seguir Cristo. Entretanto, também em Marcos a renúncia dos bens é necessária para a salvação, como indica Mc 10,23-27 (GALOT apud SABOURIN, 1977). Essa posição é criticada por alguns autores.

Para Luz (2003), a tentativa de entender Mt 19,21 como “conselho” ou como uma obra que vai além do dever aparece à luz de Mateus como uma diminuição da lei, uma adaptação. Essa doutrina é clara no Sermão da Montanha: “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24). Não se pode servir a dois senhores (Mt 6,24), pois “onde está o teu tesouro aí estará o teu coração” (Mt 6,21). Para aqueles que querem salvar-se e escolher a porta estreita, a renúncia dos bens não é facultativa, assim como não são facultativos o seguimento e o amor aos inimigos. Sabourin (1977, p. 840) julga dificilmente compreensível nos preceitos uma distinção entre dois caminhos, dos preceitos e conselhos, pois “o caminho do amor conduz a todas as formas de perfeição. O caminho por excelência é o amor e mesmo a distribuição dos bens aos pobres, por si é pouco em relação ao amor (1Cor 13,3)”. Só Deus é o sumo bem, a plenitude do bem (S. Francisco de Assis). As pessoas têm experiência da graça de Deus, na gratuidade das pessoas em doar-se e ajudar o próximo. A graça se faz visível na caridade, que, por sua vez, cobre uma multidão de pecados (1Pd 4,8).

## Ser discípulo e buscar a perfeição

O crescimento da perfeição no seguimento revela o discípulo fiel. Segundo João, no amor todos são reconhecidos como discípulos de Cristo (Jo 13,35). Assim, “sede perfeitos” (Mt 5,48) corresponde a “sede misericordiosos” (Lc 6,36) na prática do mandamento do amor. Os comentários de Luz (2003) e Sabourin (1977) desenvolveram com propriedade a temática da perfeição no contexto de Mateus no Sermão da Montanha. É à luz de Mt 5-7 que se deve interpretar o alcance teológico de teleios, com a proposta “se queres ser perfeito” (Mt 19,21).

A perfeição é tema fundamental em Mateus. Ela não se refere, como entre os gregos, a uma perfeição orientada no sentido de conhecimento e virtude verdadeiros. Na tradição bíblica tamim, traduzida para o grego teleios, ela se encontra a primeira vez em Mt 5,48: “Sede perfeitos como é perfeito vosso Pai celeste”. Pela forma, assemelha-se a Lv 19,2: “Sede santos porque eu o Senhor vosso Deus sou santo”; ou, melhor, a Dt 18,13: “Tu serás íntegro (tamim) com o Senhor teu Deus”. O termo designa obediência íntegra e total a Deus. Assim, segundo Luz (2003), a perfeição em Mateus deve ser entendida no sentido qualitativo e não quantitativo. Nessa reflexão, perfeito não é quem percorre um caminho que conduz à perfeição, mas quem segue Jesus. Esse autor destaca três aspectos da perfeição em Mateus:

- a) A perfeição introduz um momento qualitativo implícito no amor perfeito, na linha do amor aos inimigos e amor ao próximo como exigência ilimitada (Mt 5,43-48). A perfeição consiste então no amor;
- b) A perfeição deve ser entendida no sentido quantitativo, pois inclui colocar-se a caminho, dar passos, superar. Este é o significado em Mt 5,20, ‘superar a justiça dos escribas e fariseus’;
- c) A perfeição pertence finalmente a adesão a Jesus, expressa no convite ‘segue-me’ (Mt 4,18-22). Portanto em Mateus a perfeição é o seguimento, não reservado a poucos cristãos especiais, mas é sinal da identidade da condição cristã e culminância da justiça daquele que veio cumprir a lei e os profetas (Mt 5,17) (LUZ, 2003, p. 163-164).

À primeira vista, Mateus distingue dois graus na vida cristã: o caminho dos preceitos (mandamentos) e o caminho dos conselhos (perfeição). Contudo, mediante um exame mais detalhado, para Mateus o único caminho da salvação é o discipulado. Sabourin (1976) fundamenta observando a mudança em Mt 19,17, no qual Jesus disse: “Se queres entrar na vida observa os mandamentos”. A primeira parte dessa afirmação tem seu paralelo em Mt 19,21, “se queres ser perfeito”. Além disso, o acréscimo de “ama do teu próximo como a ti mesmo” (Mt 19,20) forma o compêndio do comportamento do discípulo em relação a seus companheiros. A regra de ouro formulada de forma positiva pode servir de guia para saber como comportar-se em relação aos companheiros: “Tudo aquilo que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7,12). Em síntese, os mandamentos do amor a Deus e amor ao próximo são os maiores; deles dependem toda a lei e os profetas (Mt 22,40) (SABOURIN, 1977).

### **Partilhar e ser discípulo: “...Dá aos pobres, segue-me”**

Na ordem de Jesus em Mt 19,21, aparecem quatro verbos no imperativo – “vai” “vende”, “dá aos pobres”, “segue-me” –, que colocam as condições para o caminho da perfeição e do discipulado. Carter (2002) comenta esses passos. A ordem inicial, “vai”, expressa a autoridade de Jesus sobre o poder do mal, a enfermidade, a desavença. Se o jovem obedecer, efetuará a cura da enfermidade da obsessão pela riqueza, realizará um ato de reconciliação social com os pobres, num sistema injusto e opressor. Portanto, vender as propriedades sugere que as posses sejam problemas graves para esse homem, pois estava em jogo a própria salvação. Ele se deixou escravizar pela riqueza.

Dar aos pobres é um ato de gratuidade (Mt 4,42a), sem esperar nada em troca. Dar aos pobres, aqui, é um presente; é bem mais que dar esmola, que já era considerada uma obra justa, mas feita por interesse de autopromoção (Mt 6,1-4). Carter (2002) comenta que a ordem de distribuir os bens aos pobres é um ato de restituição justa das riquezas concentradas nas mãos de poucos e conseguidas à custa dos pobres. Este é um

ato semelhante ao que prometeu Zaqueu: “Darei a metade dos meus bens aos pobres e se defraudei alguém pagarei quatro vezes mais” (Lc 19,8).

A esse respeito, João Crisóstomo (apud FIORES; GOFFI, 1989, p. 951), ao comentar Mt 19,21, coloca a pobreza à luz do Evangelho: “Não basta desprezar as riquezas, mas é necessário ajudar a dar de comer os pobres, mas sobretudo é necessário seguir Cristo”. Com a ordem ao jovem rico, Jesus confronta práticas elitistas que comparavam riqueza com virtude, voltavam as costas aos mendigos e sujos e menosprezavam o pobre como sujeira, escória (CARTER, 2002). São eles infelizes que necessitam de ajuda material. Na sinagoga de Nazaré, Jesus realiza a esperança dos pobres, suscitada e alimentada pelos profetas durante séculos (Is 61,1-2). Jesus opõe-se à mentalidade dominante, que considerava a riqueza bênção e sinal automático do favor divino (Dt 8,11-20; 28,11), e proclama as bem-aventuranças aos pobres, porque deles é o Reino dos céus (Mt 5,3).

Como os judeus consideravam a riqueza uma espécie de virtude e sinal de bênção, não é de surpreender o espanto dos discípulos diante da advertência de que é difícil um rico entrar no Reino dos céus: “Quem poderá então salvar-se” (Mt 19,25) (TASKER, 1980). Jesus acrescenta que, por meio da graça de Deus, todas as coisas são possíveis (Gn 18,14; Lc 1,37), até mesmo um rico tocado pela graça e tendo aceitado o chamado à conversão poderá salvar-se. Jesus havia feito o convite: “Depois vem e segue-me” (Mt 19,21). O jovem rico ouviu a palavra, mas a riqueza a sufocou (Mt 13,22). “Ele é um homem rico definido por sua riqueza, e não por seguir Jesus” (CARTER, 2002, p. 490). Foi uma vocação que não obteve sucesso.

### **Promessa de recompensa: “Tesouro nos céus”**

Quem trabalhou em vista de angariar tesouro que nem a traça nem a ferrugem corroem receberá essa recompensa superior, incomparável nos céus, além de bem-estar nesta terra. Os discípulos, após o encontro com o jovem rico e a advertência sobre a riqueza, levantam uma dúvida. É Pedro quem toma a palavra: “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos, o que é que vamos receber?” (Mt 19,27). Jesus responde que aquele que

tiver deixado família, bens, por causa do seu nome “receberá muito mais e herdará a vida eterna” (Mt 19,29). Essa frase deve ser interpretada como resultado da vivência das exigências do discipulado, aquelas colocadas por Jesus ao jovem rico.

A promessa de Jesus é recompensa no Reino e bem-estar nesta vida. De fato, se todos partilham os bens, renunciando acumular para si e se colocando a serviço, ninguém sofrerá necessidade. Os primeiros cristãos, porque partilhavam os bens, não tinham necessidades entre eles (At 4,34-35). A vida comum numa família numerosa, em que alguns trabalham, repartem as despesas e acodem as necessidades de todos, resulta em benefício para toda a família. O mesmo se pode dizer em nível governamental, quando se realizam projetos de inclusão dos menos favorecidos, projetos em defesa da vida para erradicar a miséria, a fome, a doença, quando então os bens distribuídos resultam na bênção da vida. Então a miséria deixa de ser comum, porque os bens têm uma função social para o bem comum e não para o enriquecimento de poucos. A união de todos e a participação suprirão as necessidades.

De forma mais concreta, o resultado dessa opção pelos pobres, própria do discipulado, ocorre nas comunidades de vida consagrada que partilham os bens. Nesse caso, sua “pobreza evangélica” resulta em vida digna para todos. Esta é a maior riqueza, que nem traça nem ferrugem corroem. João Paulo II (IGREJA..., 2004, p. 176), na exortação *Vita Consecrata*, fala da pobreza evangélica vivida de diversas formas pelos religiosos: “É uma resposta ao materialismo ávido de riqueza, sem atenção às exigências e sofrimentos dos mais fracos”. “Antes de ser um serviço a pobreza é um valor enquanto faz lembrar a primeira bem-aventurança na imitação do Cristo pobre” (IGREJA..., 2004, p. 177). O exemplo de tantas pessoas que consagram suas vidas em ações humanitárias suscita na consciência do povo o desejo de responder com mais generosidade ao amor de Deus derramado em nossos corações (Rm 5,5) (IGREJA..., 2004).

O livro do Deuteronômio exorta a observação dos mandamentos, especialmente na fartura: “Lembrem-se que não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Dt 8,3; Mt 4,4). Jesus retoma esse ensinamento, que tem razão de ser na existência da exclusão social, injustiças, exploração sobre os mais fracos e omissão dos ricos apegados ao dinheiro. Essa situação é sinal de quebra do mandamento principal e dos mandamentos

relacionados com o próximo. Ao jovem rico, foram lembrados os mandamentos relacionados à convivência social, porque é ali que o pecado da cobiça provoca os maiores danos e a riqueza se transforma em maldição.

É bom lembrar mais uma vez Gn 12,1-3: “Quando ao patriarca Abraão foi prometido terra, descendência numerosa, também o Senhor lhe pediu que ele fosse uma bênção”. Nesse sentido, ser rico, para Deus, é ser instrumento de bênção para o próximo. Com razão, Deuteronômio relata que “não haverá nenhum pobre porque o Senhor vai abençoar-te” (Dt 15,4). Entende-se que não haverá pessoas sofrendo necessidades básicas enquanto acontecer a bênção da partilha. No entanto, o texto volta a dizer que “sempre haverá pobres”. Por isso, a exortação da ajuda para abrir a mão e não negar auxílio aos pobres continua válida (Dt 15,7-8).

A vocação ao discipulado está relacionada à observância mais plena dos mandamentos e à perfeição na vivência das bem-aventuranças (Mt 5,3-12). O sonho de muitos é também sonho de Deus, que o “tesouro nos céus”, a realidade escatológica do Reino futuro, possa acontecer, ao menos em parte, na experiência fraterna: “É bom estarmos aqui” (Mc 9,5). Esta é a meta do discipulado na sua dimensão de serviço no amor.

## Considerações finais

A vocação é um chamado que requer a ajuda da graça divina, pois muitos são os chamados e poucos, os escolhidos. A resposta ao chamado, dada com toda a liberdade no seguimento de Jesus, caracteriza o relato de vocação. Nesse caso, não houve resposta, porque a proposta de Jesus mexeu com sua condição humana, cujo sentido estava na posse e usufruto das suas propriedades. Hendriksen (2000, p. 318) comenta: “Ele as possuía; elas o possuíam, tinham se apoderado firmemente dele”. Justamente por isso o jovem partiu entristecido.

No mandamento principal do amor estão toda a lei e os profetas. O desapego dos bens é o meio para amar a Deus de todo o coração. Ninguém poderá servir a Deus e ao dinheiro, se este é o tesouro onde o coração está preso. O motivo do fracasso da vocação do jovem está na falta de amor, na não observância do mandamento principal que abarca

toda a lei. Com efeito, “o mandamento do amor não se encontra no mesmo plano que os outros preceitos perdido entre outras normas. Se um preceito não é deduzido do amor ou vai contra o amor, torna-se vazio de sentido” (PAGOLA, 2010, p. 306). Portanto, a falha não se restringe à observância de um ou outro mandamento que não foi citado na resposta de Jesus, mas na falta de assimilação do espírito da lei que é o amor na linha da observância positiva. Trata-se da falha na observância da lei e dos profetas. No contexto do Sermão da Montanha, Jesus não veio acrescentar nem agregar algo, mas dar pleno cumprimento (Mt 5,17).

Buscar a perfeição em Mateus é entrar nesse espírito da nova lei. A observância dos mandamentos, na sua forma plena, positiva, é um passo à perfeição. Essa perfeição que Jesus propõe é paralela à observância do mandamento para ganhar a vida eterna. O chamado é para todos e a vocação à santidade é a mesma, depende da resposta e da medida do acolhimento das exigências de Jesus. Assim, os perfeitos, por causa da renúncia, não seriam um grupo que obteria um grau de perfeição especial ou uma recompensa especial. Os perfeitos são aqueles que prestam uma obediência íntegra e indivisa a Deus, por amor. Segundo Luz (2003, p. 165), “na comunidade de Mateus nem todos eram radicais itinerantes, os membros sedentários que davam hospitalidade aos pobres eram a maioria (Mt 10,40-42)”. Mateus sabe que não pode converter toda a comunidade em radicais itinerantes, mas o chamado à renúncia dos bens é um convite ao cumprimento perfeito e ao discipulado.

A ordem “vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres e depois segue-me” é a condição colocada ao jovem rico por causa da gravidade de seu apego aos bens, que colocava em risco a própria salvação. Àqueles que renunciaram à própria família e aos bens para seguir Jesus são prometidos a vida eterna e muito mais nesta vida. Assim, quem segue a pobreza evangélica, especialmente as pessoas que fazem os votos religiosos na Igreja, coloca seus bens a serviço da comunidade. O desapego e a partilha dos bens na vida comunitária são a vivência do amor aos irmãos e o sinal do verdadeiro discipulado. Onde há partilha não haverá necessidade. Assim se constrói o ideal do cristianismo descrito

nos Atos: “Os cristãos tinham tudo em comum, repartiam o pão pelas casas, e não havia necessitado entre eles” (At 2,42-47).

Tillard (1975, p. 102) fala das pessoas consagradas que “seguem uma forma de vida mais radical, são motivados por uma gratuidade humana movida não apenas pelo desejo de salvação individual, mas pela adesão completa no seguimento a Cristo”. Esse ideal perseguido por grupos mais radicais de voltar às origens do cristianismo deu vivacidade à Igreja. Não há ideal superior à caridade perfeita e essa perfeição é buscada tanto na vida dos leigos, pais de família, quanto nos membros da vida consagrada.

Quando Antão, Basílio, Agostinho, Bento começam seu novo gênero de vida desejam cumprir o evangelho, para o qual não conhecem mais do que um caminho. Não tinham consciência de ser superiores aos demais, mas de estar vivendo todo o evangelho (RODRIGUES; CASAS, 1994, p. 265).

## Referências

- CARTER, W. **O Evangelho de São Mateus**: comentário sócio-político e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Caminhamos na estrada de Jesus**: o Evangelho de Marcos. São Paulo: Paulus, 1997.
- DELORME, J. **Leitura do Evangelho segundo Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1982.
- FIORES, S.; GOFFI, T.(Org.). **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GRASSO, S. **Luca**. Roma: Edizioni Borla, 1999.
- HENDRIKSEN, W. **Mateus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. v. 2.
- IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **O esplendor da verdade**. Carta Encíclica. São Paulo: Paulinas, 1993.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Vita Consecrata**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. São Paulo: Paulinas, 2004.

LUZ, U. **El Evangelio según San Mateo**: Mt 18-25. Salamanca: Sígueme, 2003. v. 3.

MAZZAROLO, I. **Evangelho de São Mateus**. Porto Alegre: Isidoro Mazzarolo, 2005.

NESTLE-ALAND. **Nuovo Testamento Greco-Italiano**. A cura di Bruno Corsani e Carlo Buzzetti. Texto Greco XXVII Edizione. Roma: Società Bíblica Britannica & Forestiera, 1996.

PAGOLA, J. A. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2010.

RODRIGUES, A. A.; CASAS, J. C. (Org.). **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994.

SABOURIN, L. **Il vangelo di Matteo**: teologia e esegesi. Marino: Paoline, 1976. v. 1.

SABOURIN, L. **Il vangelo di Matteo**: teologia e esegesi. Marino: Paoline, 1977. v. 2.

SILVA, C. M. D. **Leia a Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2007.

SPINETOLI, O. **Matteo**. Assisi: Citadella editrice, 1978.

TASKER, R.V.G. **Mateus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980.

TILLARD, J. M. R. **Diante de Deus e para os homens**. São Paulo: Loyola, 1975.

Recebido: 24/07/2012

*Received*: 07/24/2012

Aprovado: 10/10/2012

*Approved*: 10/10/2012